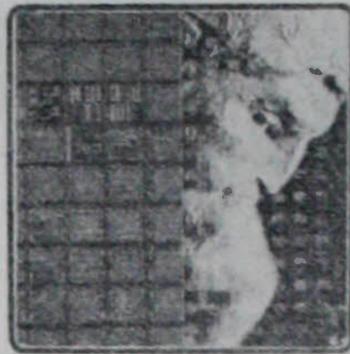


Participação no debate da educação



A reforma do ensino não é problema exclusivo dos portugueses. A bem dizer, todo o mundo está a tentar optimizar os padrões da educação, reconhecido que foi que aí reside o motor de impulsão do progresso de qualquer sociedade moderna. O saber tornou-se essencial, tanto o saber de análise como o saber de síntese, para se poder enfrentar os desafios exponenciais do futuro. As novas tecnologias vieram mudar grande parte das estruturas sociais e prometem incrementar muito mais as mutações tecnológicas. Assim, as populações terão que se adaptar às novas condições de vida, sob risco de caírem num declínio epidémico, característico do envelhecimento dos organismos. É neste contexto, sobretudo no enquadramento europeu, que Portugal tem de encontrar uma **estrutura de ensino flexível**, adaptável sem delongas às rápidas mutações sociais.

A perspectiva enche-nos de entusiasmo, longe dos poderes decisórios, suscitando uma participação multifacetada, típica do pensamento sistémico que nos invade, como aluno (eterno), pai (de crianças) e professor (de profissionais). Aqui abrimos a porta a um forum para quem nos queira acompanhar no debate. Pelo nosso lado, difundimos o raciocínio a partir de quatro princípios básicos:

1) **Princípio de conservação.**

Portugal tem uma identificação multi-secular com projectos próprios de dimensão humana e universal, devendo encontrar nesta fonte histórica a capacidade de resolução dos seus problemas.

A integração europeia é um dado fundamental para concretizar os pormenores de qualquer reformulação educativa, pois somos primariamente um País da Europa, apesar da mundialização dos nossos sentimentos de convivência.

2) **Princípio de entropia crescente.**

Portugal sofre várias influências dominantes, desde o predomínio da língua inglesa como instrumento de comunicação internacional (no âmbito dos negócios e no domínio científico) até ao acelerado processo de integração planetária, requerendo cada vez mais generalistas (com poder de análise e de síntese).

3) **Princípio de maximização da potência.**

Portugal deve acrescentar valores no concerto transnacional que sejam específicos da sua vocação natural (imposta pela cultura e geografia) e por conseguinte tanto a investigação científica e tecnológica como a geração de produtos e serviços devem receber orientação e concentração de esforços (intelectuais e financeiros) no sentido das valias que os recursos humanos e naturais podem fornecer.

4) **Princípio de retropotência.**

Portugal deve investir os seus recursos líquidos na construção de infraestruturas que potenciem o incremento permanente da energia nacional que fará fluir a melhor

compreensão da vida ou do universo e os maiores níveis de conforto (material) ou satisfação (espiritual).

A todos compete participar com propostas, adicionando contribuições de diferentes vivências. Ora os engenheiros sentem o problema profundamente, em diversas actividades profissionais, ao nível da produção ou no plano da gestão. São distintas as suas experiências, múltiplas as contradições encontradas, várias as reflexões provocadas, singulares as condições individuais de cada caso vivido. Os engenheiros são homens de meditação e acção, que projectam e executam, assentando os seus êxitos nas obras que vão gerando, sempre em natural evolução. A atitude dos engenheiros é intrinsecamente flexível, adaptável às inovações e promotora de inovação. Por isso, o seu testemunho no debate sobre o ensino em Portugal revela-se importante.

Nesta perspectiva lançamos aqui o convite a cada leitor para que envie as suas opiniões sobre o magno problema, da educação em Portugal. As suas ideias serão divulgadas num **forum de educação** e veiculadas directamente aos responsáveis pela reforma em curso, que se diz permanentemente actuante. O desafio é este: dê o seu contributo para moldar a realidade.

Façamos Portugal um País competitivo.